
CONSIDERAÇÕES SOBRE O SIGNIFICADO SOCIAL DA VARIAÇÃO DOS PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR: VARIEDADES MARANHENSE E BRASILIENSE

CONSIDERATIONS ON THE SOCIAL MEANING OF THE VARIATION OF SECOND-PERSON
SINGULAR PRONOUNS: MARANHAO'S AND BRASILIA'S VARIETIES

CONSIDÉRATIONS SUR LA SIGNIFICATION SOCIALE DE LA VARIATION DES PRONOMS
SINGULIERS DE LA SECONDE PERSONNE: VARIÉTÉS LUDOVICENSE ET BRASILIENSE

Carolina Queiroz Andrade¹
Cibelle Corrêa Béliche Alves²
Maria Marta Pereira Scherre³

RESUMO: O português brasileiro apresenta pelo menos quatro construções pronominais de segunda pessoa sintetizadas em Scherre *et al.* (2015) que, com base em diversas pesquisas, propõem a organização de um mapa pronominal de segunda pessoa do singular. Entre as paisagens, São Luís/MA (ALVES, 2010, 2015) registrou 39% de *tu* em entrevistas geolinguísticas e 83% de *tu* em gravações de conversas espontâneas não-ocultas. Brasília/DF registrou 72% de *tu* em conversas espontâneas ocultas (LUCCA, 2005); 12% em conversas espontâneas não-ocultas (DIAS, 2007); e de 31% em entrevistas sociolinguísticas motivadas (ANDRADE, 2015). Partindo desses resultados quanto ao uso da forma *tu*, focalizamos a paisagem pronominal nas variedades maranhense e brasiliense, com o objetivo de identificar significados sociais em função do tipo de coleta de dados, paralelamente às variáveis sociolinguísticas clássicas, como faixa etária, sexo e anos de escolarização dos falantes.

Palavras-chave: Português brasileiro. Pronome *tu*. Dimensão geográfica. Dimensão interacional.

1 Doutora em Linguística, professora da Universidade de Brasília (PEC-G) e colaboradora do UniCeub e PPGL/UnB. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7715-0707>. E-mail: carollwith@gmail.com

2 Doutora em Linguística, professora adjunta III do Departamento de Letras e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMA (Universidade Federal do Maranhão), campus I, São Luís. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2684-9497>. E-mail: cibelle.beliche@ufma.br

3 Doutora em Linguística, Professora do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFES (Universidade Federal do Espírito Santo) - Brasil; Pesquisadora I-B do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico); e Pesquisadora colaborada plena da UnB (Universidade de Brasília). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2977-0431>. E-mail: mscherre@gmail.com

Artigo recebido em agosto de 2022 e aceito para publicação em outubro de 2022.

ABSTRACT: Brazilian Portuguese has at least four pronominal constructions to address interlocutor synthesized in Scherre *et al.* (2015) that, based on several studies, propose the organization of a second-person singular pronominal map. Among the varieties that compose it, Sao Luis/Maranhao (ALVES, 2010, 2015) has recorded 39% of *tu* in geolinguistic interviews and 83% of *tu* in recordings of non-hidden spontaneous conversations. Brasilia/Federal District had records 72% of *tu* in hidden spontaneous conversations, (LUCCA, 2005); 12% in non-hidden spontaneous conversations (DIAS, 2007); and 31% in motivated sociolinguistic interviews (ANDRADE, 2015). Based on these results, we focus on second-person pronouns, especially *tu* in the Maranhao's and Brasilia's varieties, pointing out the social meanings of pronominal variation, with reflections on the type of data collection, parallel to the classic sociolinguistic variables such as age group, sex and years of schooling of the speakers.

Keywords: Brazilian Portuguese. Pronoun *tu*. Second-person pronoun. Geographic dimension. Interactional dimension.

RÉSUMÉ: Le portugais brésilien a quatre constructions pronominales à la deuxième personne résumées dans Scherre *et al.* (2015) qui, sur la base de plusieurs études, propose l'organisation d'une carte pronominale à la deuxième personne du singulier. Parmi les paysages, São Luís/MA (ALVES, 2010, 2015) a enregistré 39% de *tu* dans des entretiens géolinguistiques et 83% de *tu* dans des enregistrements de conversations spontanées non-cachées. Brasília/DF a enregistré 72% de *tu* dans des conversations spontanées cachées (LUCCA, 2005); 12% dans des conversations spontanées non-cachées. (DIAS, 2007); et 31% dans des entretiens sociolinguistiques motivés (ANDRADE, 2015). Sur la base de ces résultats concernant l'utilisation de la forme *tu*, nous nous concentrons sur le paysage pronominal des variétés du Maranhão et de Brasília, dans le but de identifier les significations sociales selon le type de collecte de données, parallèlement aux variables sociolinguistiques classiques, telles que groupe d'âge, sexe et années de scolarisation des locuteurs.

Mots-Clés: Portugais brésilien. Pronom *tu*. Pronoms de la deuxième personne. Dimension géographique. Dimension interactionnelle.

INTRODUÇÃO

Estudos sobre o português brasileiro (PB), como os de Soares (1980), Ramos (1996), Loregian (1996), Loregian-Penkall (2004), Herênio (2006), Andrade (2004), Lucca (2005), Dias (2007), Gonçalves (2008), Martins (2010), Franceschini (2011), Alves (2010, 2015), Andrade (2010, 2015), Silva (2017), Reis (2019), entre muitos outros, mostram usos diversificados dos pronomes *tu*, *você*, *cê*, *ocê* no português falado no Brasil.

Em Exemplo (1) e (2a e 2b), exemplifica-se a alternância pronominal em interações entre ludovicenses, gravadas por Alves (2015). Em Exemplo (3) e (4), exemplifica-se a alternância em interações entre brasilienses, gravadas por Andrade (2010, 2015).

Exemplo (1)

“Amiga(a): O paciente chegou de tarde. É, **você não viu!** É a demanda. **Você vai** bem preparado pra tua demanda. Então é isso. E a questão de ` de valorizar o diagnóstico e as coisas de **você ver** a oportunidade deu ensinar pro residente. Deu dizer que isso aqui é legal pr’ele ver.

Ana: E dele pesquisar também! Vamos pesquisar!

Amiga(a): Isso! Exatamente. Ou então de dizer pro residente: “Residente, hoje eu queria que **tu avaliasse**”, como **tu fizeste**. Ou então dizer: “Ana, prefiro que **tu avalies** porque eu não tenho segurança de avaliar esse paciente”... aí **tu já ia** (inint). Não, porque eu acho super comum **você chegar e dizer** “Pra onde eu vou com esse paciente?”

(ALVES, 2015, p. 53, 133, com adaptações) – interação entre colegas de trabalho ludovicences: Ana e amiga de Ana (Ana – colaboradora alvo: mulher, 29 anos, ensino superior; amiga de Ana; mulher, 28 anos, ensino superior)

Exemplo (2a)

“Pai: “Porque, meu filho, se for nesse, **tu nem gastava** hotel, cara. **Tu nem ia** pra hotel, **tu ia chegar** cinco hora da manhã e ia direto pra universidade, passava o dia todo na universidade.

[...] Porque se **você for chegar** de manhã e sair de noite, **tu nem ia** pro hotel, ficava na... [...] Sim, meu nenenzinho, sim, meu nenenzinho, eh... **Tu vais** pro negócio?”

Filho: “Sim, oh, pai, então olha pra mim esse negócio, se **o senhor ficar** agora na na na universidade sem fazer nada!” pai: “tá.”

filho: “é não, pai, eu sei que **o senhor é um doutor.**”

Exemplo (2b)

Pai: Ah, **cê vai** chegar quase que (inint.) Filho: Oito horas. Dez, dez horas!

(ALVES, 2015, p. 47, 53, com adaptações) – interação entre pai e filho ludovicences (pai de João: homem, 55 anos, ensino superior e filho colaborador alvo João: homem, 26 anos, ensino superior)

Exemplo (3)

“Ingrid, **cê num vai** vim mais pra aqui pra fora não?” [...] “Ingrid que demora é essa!” Eu “minha filha, eu tava dando banho na, na Isabele, num vem reclamar de nada não, **você num é** minha mãe nem nada, **você não é** minha mãe nem nada e tal”. Aí, aí ela bem assim “ah, mas pra que demorá isso tanto?” Eu falei

“minha filha, quem demorou fui eu, oxi. **Tu** num **tá** tomando conta de mim, eu vim sozinha, num vim num foi contigo. [...]”.

(ANDRADE, 2010, p. 11, 12, com adaptações – interação entre duas brasilienses femininas de 14 anos, da Vila Planalto, Plano Piloto, Brasília-DF)

Exemplo (4)

G: Raul **tu é** muito furão, véi, na moral.

M: Não, João, **você quer** uma eletrônica?

JV: Não, **cê tá** doido, é?

(ANDRADE, 2015, p. 97, com pequenas adaptações – interação entre três brasilienses masculinos de 17 anos, de Brazlândia, Brasília-DF)

Frente a essas possibilidades de usos para referência ao interlocutor, Scherre *et al.* (2015) propuseram um mapeamento descritivo, sob uma perspectiva geográfica da atual variação do sistema pronominal de segunda pessoa no PB, em trabalhos desenvolvidos até 2012. Com base em um conjunto de pesquisas com cerca de 29 mil dados de 60 amostras de fala, Scherre *et al.* (2015, p. 140-143,171) projetam a existência de seis subsistemas no tocante às formas de segunda pessoa (exceto *senhor/senhora*), assim organizados, em que o uso de caixa alta sem itálicos para VOCÊ indica uma macro forma, recobrando três possibilidades *você/cê/ocê*:

- i.subsistema (1) só VOCÊ: uso exclusivo das formas *você/cê/ocê*;
- ii.subsistema (2) mais *tu* com concordância baixa: uso médio de *tu* acima de 60% com concordância abaixo de 10%
- iii.subsistema (3) mais *tu* com concordância alta: uso médio de *tu* acima de 60% com concordância entre 40% e 60%;
- iv.subsistema (4) *tu* /VOCÊ com concordância baixa: uso médio de *tu* abaixo de 60% com concordância abaixo de 10%
- v.subsistema (5) *tu*/VOCÊ com concordância média: uso médio de *tu* abaixo de 60% concordância entre 10% e 39%;
- vi.subsistema (6) VOCÊ/*tu*: *tu* de 1% a 90% sem concordância.

Pela própria natureza dos dados, o mapa é dinâmico e, portanto, sujeito a alterações, seja em função de novas coletas, seja em função de novas análises. Neste texto, demos destaque a pesquisas que enfocam duas regiões contempladas no mapa de Scherre *et al.* (2015) – Nordeste e Centro-Oeste – trazendo informações adicionais que nos ajudam a melhor compreender o fenômeno que, a nosso ver, é de sobremaneira explicado pelo viés interacional.

Abordaremos inicialmente os resultados de Alves (2010), que apresenta uma “fotografia geossociolinguística” das formas de tratamento em seis localidades maranhenses, revelando uma visão mais micro da variedade ludovicense com o trabalho

de Alves (2015). Em 2015, a autora situa São Luís/MA, capital maranhense, em um sistema pronominal amplamente ternário, com predominância de *tu sem concordância*, alternando com o *tu com concordância* e o VOCÊ (*você/cê*), sendo a concordância com o *tu* uma forma restrita à situação interacional de maior assimetria ou de maior formalidade e ao grau de escolaridade universitário do falante.

Na sequência, faremos um breve percurso temporal da variação *tu/VOCÊ (você/cê/ocê)*, na variedade da região Centro-Oeste, com vistas a entender, sobretudo, o surgimento e a rápida expansão do *tu* brasiliense. As pesquisas de Andrade (2010, 2015), Lucca (2005) e Dias (2007) permitem verificar que Brasília é, ainda, uma ilha da ocorrência de *tu* no Centro-Oeste, cujo uso está também associado ao forte componente interacional de simetria ou informalidade, com destaque para o tipo de coleta, que se mostra decisivo para o entendimento do significado social da variação.

MARANHÃO, REGIÃO NORDESTE

Os pronomes pessoais de segunda pessoa têm refletido nuances singulares no Maranhão. Pesquisas evidenciam que, para além das variáveis clássicas como localidade, faixa etária, sexo e anos de escolarização dos falantes, a dimensão interacional tem forte efeito nas escolhas dos falantes maranhenses. Um dos primeiros registros dessa variação foi apontado por Ramos (1996), que situa São Luís, capital do estado, com 6% de *tu* vs. *você* explícitos de número singular (4/64)⁴ (todos com concordância explícita), em entrevista estruturada, e enfatiza seu uso, já àquela época, como forma de intimidade entre pessoas próximas, principalmente entre os mais jovens. Já o *você*, com 94%, é a forma usada para marcar a cortesia/respeito entre as pessoas mais distantes ou dada a situação formal.

Na sequência, temos o estudo de Herênio (2006), com dados de Imperatriz, município maranhense situado a oeste do estado, com percentual médio de 27% de *tu*, sendo 8% de concordância. Os resultados da amostra de Herênio (2006), também com base em entrevista estruturada, apontam o *você* como a forma mais recorrente entre os imperatrizenses, com 73%.

Em Alves (2010), com dados de entrevistas geolinguísticas do Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), temos um detalhamento do comportamento das formas de segunda pessoa na capital, São Luís, e em cinco municípios, Pinheiro, Tuntum, Bacabal, Balsas e Alto Parnaíba. Da amostra geral, foram registrados 39% de *tu* e 61% de VOCÊ na função de sujeito. Os dados demonstram que há, no espaço maranhense, uma nítida diversidade no tocante ao eixo diatópico, atuando, sobretudo, junto à escolaridade do falante, tendo em vista que o *tu com concordância* ocorre maciçamente em dados de falantes universitários. Vejamos a Tabela 1:

Tabela 1. Distribuição da variação de segunda pessoa no Maranhão em dados do projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA) coletados em 2003-2004.

Localidades	Tu	VOCÊ	Total	Concordância com o tu
São Luís	39%	61%	116	29% (13/45)
Pinheiro	37%	63%	84	3% (1/31)
Tuntum	36%	64%	42	0% (0/15)
Bacabal	57%	43%	23	0% (0/13)
Balsas	57%	43%	30	0% (0/17)
Alto Parnaíba	15%	85%	33	0% (0/ 5)
Total	39%	61%	328	

Fonte: elaboração própria, com base em Alves (2010, p. 65,103).

A síntese apresentada na Tabela 1 contraria parte das expectativas de Alves (2010) que, diferentemente do esperado, indica que os usos do *tu* com e sem concordância, com 39% dos casos, não superam percentualmente o macro VOCÊ, com percentuais acima da média global, notadamente em Alto Parnaíba, município localizado mais ao sul do estado, com 85%. Por outro lado, a Tabela 1 indica que na capital maranhense há um relativo favorecimento do *tu com concordância*, que se dá entre os mais escolarizados, já apontando indícios de uma possível mudança com consciência social. Os trechos a seguir, extraídos das entrevistas de São Luís, mostram a fala monitorada de uma informante do sexo feminino, segunda faixa etária (50 a 65 anos), ensino superior: “Olha, geralmente **eu uso seu, você, pra pessoa** que está um pouco **mais distante**, até um certo ponto” (*corpus* Projeto ALiMA – informante: feminino, segunda faixa etária, ensino superior *apud* ALVES, 2010, p. 78). Porém, ao final da entrevista, em que já se estabeleceu uma relação de intimidade, essa mesma informante, ao se referir ao inquiridor, também declara: “[...] Por exemplo, **você** já não é mais tão **você, já é tu.**” É também importante registrar que, no interior do macro VOCÊ, a variante *você* é sempre a mais frequente, com um total de 51% dos casos, e que há 8% da variante *cê* e 2% de *ocê*.

Alves (2010) situa a alternância *tu* e *você* em (quase) igualdade de condições de uso, em termos dos pesos relativos e observa que, em São Luís, a forma *tu* é empregada entre os iguais, ou seja, em um contexto que permite o uso de um estilo mais informal, nesse caso o *tu sem concordância*, e o *você* é a forma de respeito e/ou cortesia, utilizada em um contexto formal. Um outro aspecto interessante nos resultados de Alves (2010) está relacionado à correlação entre a concordância verbal com o *tu* e a variação diastrática que, geralmente nos dados de natureza geolinguística, é analisada sob o viés do fator escolaridade, um dos principais indicadores de classe social, especialmente no Brasil, ao lado da ocupação e renda (cf. LABOV, 2006 [1966], p. 134-138). A análise feita apenas com os dados de São Luís aponta um uso de *tu com concordância* entre os falantes mais escolarizados, com percentual de 46% e peso relativo de 0,76, com diferença de 59 pontos para o grupo de falantes do ensino fundamental, com percentual de 5,3% e peso relativo de 0,17 (cf. ALVES, 2010, p. 103).

Para além da visão diastrática, Alves (2015) avança a análise da variação pronominal em uma versão mais micro da comunidade de fala ludovicense. Considerando que a variação diastrática, para os estudos dialetológicos, se relaciona a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e, também, com a organização sociocultural da comunidade de fala, como escolaridade, idade, sexo e situação ou contexto interacional, a pesquisa de Alves (2015) buscou focalizar, entre o grupo dos mais escolarizados, o significado social do *tu* na capital maranhense.

A análise, com base em gravações livres, com um total de 1100 construções de número singular, revelou um sistema de tratamento de cinco variantes – com predominância de *tu sem concordância*, alternando em contextos específicos com o *tu com concordância* e o *você*, com 67%, 12% e 14%, respectivamente; além dos usos das formas *cê*, 2%, e *senhor/senhora*, 5%, evidenciando assim a diversidade desse sistema no falar ludovicense, sem registros da forma *ocê* (cf. Alves 2015, p. 77), retomados na Tabela 2, a seguir. Os resultados de 2015 ratificam as expectativas de Alves (2010): o pronome *tu* é a forma mais utilizada pelos ludovicenses para representar a segunda pessoa, isto é, o português falado em São Luís conserva a presença viva e marcante do *tu* por esse ser considerado por muitos, a forma identitária local, com 79% dos casos (67%+12%). Logo, podemos assegurar que a capital maranhense é uma “terra de *tu*”.

Tabela 2. Totais de referências concernentes à segunda pessoa na amostra conjunta de São Luís do Maranhão de Alves (2015): conversas livres gravadas.

<i>Tu sem concordância</i>	<i>Tu com concordância</i>	<i>Você</i>	<i>Cê</i>	<i>Senhor/a</i>
741/1110=67%	130/1110=12%	157/1110=14%	22/1110=2%	60/1110=5%

Fonte: elaboração própria, com base em Alves (2015, p. 77).

As evidências apontadas nas pesquisas de Ramos (1996), Alves (2010, 2015), entre outras já realizadas no âmbito do português maranhense, considerando a mesma temática – Ramos (1999), Robson e Ramos (2014), Caldas e Alves (2017), Silva e Alves (2018), Ramos e Alves (2021) – permitem situar o Maranhão no mapa descritivo do sistema pronominal para tratamento de segunda pessoa no PB, proposto por Scherre *et al.* (2009, 2015). Dos seis subsistemas, ratificamos o Maranhão, no eixo sincrônico, como pertencente ao:

- i) subsistema (4) *tu/VOCÊ* com concordância baixa: com uso médio de *tu* abaixo de 60%, com concordância abaixo de 10%, a exemplo de Pinheiro (ALVES, 2010) e Imperatriz (HERÊNIO, 2006);
- ii) subsistema (5) *tu/VOCÊ* com concordância média: com usos médios de *tu* abaixo de 60%, com concordância entre 10% e 39%, a exemplo de São Luís (ALVES, 2010, 2015);
- iii) subsistema (6) *VOCÊ/tu* sem concordância: uso de *tu* de 1% a 90%, a exemplo de Tuntum, Bacabal, Balsas e Alto Parnaíba, (ALVES, 2010) e São João dos Patos (RAMOS; ALVES, 2021).

Do ponto de vista da distribuição geográfica, os atuais subsistemas 4, 5 e 6 ratificam o pronome *tu* como de uso mais geral, classificado por Scherre *et al.* (2015, p. 135), como um “*tu*” brasileiro que, em muitas comunidades, instaura-se sem concordância expressa na forma verbal”. É o caso do *tu* maranhense que também emerge com “facilidade e naturalidade”, em entrevistas sociolinguísticas”, mesmo com todas as dificuldades encontradas frente ao registro dos pronomes de segunda pessoa nesse tipo de coleta de dados. Por outro lado, há o uso do “*tu*” com concordância, em graus variados, motivado pelo contexto de mais formalidade ou pelo aumento da escolarização, especialmente onde o pronome *tu* é reconhecido como de uso natural à comunidade.”. É o caso de São Luís que, a partir de Alves (2015), tem evidenciado o *você* como uma variante que concorre com o *tu com concordância* em contextos assimétricos ou mais formais, em oposição ao *tu sem concordância*, forma mais usual, nitidamente vernacular, que transita por contextos variados, sem cerimônia, sem rejeição.

A respeito da forma *você*, Alves (2015) ainda pondera que esta tem emprego maior em espaços mais formais e, em certas interações, marca formalidade e/ou distância com o interlocutor ou mesmo uma possível ‘fuga’ da concordância com o *tu*. Isto é, o *você* surge como a opção de tratamento mais comum nas situações em que se deseja evitar uma proximidade inadequada para com o interlocutor, que ainda poderia ser atribuída ao *tu* com concordância. Vemos, pois, que o papel do contexto interacional – como o controle da variável tipo de relação, redes sociais bem como o sexo do falante – tem forte efeito na escolha do *você*, ao lado do *tu com concordância*, em São Luís, como veremos a seguir.

Sobre a variação individual, Alves (2015) considerou também, sob o viés da variação estilística, a fala de um homem e uma mulher escolarizados, em diferentes situações comunicativas. Os resultados da análise por indivíduo ratificam as inferências levantadas com base nos resultados da amostra global, a saber: em configurações mais formais, mulheres optam pelo *tu com concordância* e os homens optam pelo *você*, fato esse que, mais uma vez, nos leva a afirmar que essa última variante pode, ao transitar em espaços onde era esperado o *tu com concordância*, também assumir o status de forma prestigiada na comunidade de fala ludovicense.

Foi possível, também, confirmar a ideia de que o tópico discursivo e a rede de relacionamentos, controlada na amostra geral pelo fator tipo de relação, podem explicar as escolhas linguísticas dos falantes analisados que, a todo momento, parecem se engajar na construção de uma identidade linguística próxima de grupos com os quais estão envolvidos. Essa mesma percepção foi registrada na fala da colaboradora mulher que relatou que os falantes de São Luís são os que mais fazem uso da concordância, e afirma usar mais o *tu com concordância* quando está em interação com um grupo social específico e/ou quando em interação com pessoas mais escolarizadas naturais de São Luís. Ao fim da entrevista, chega a fazer uma avaliação social sobre o pronome *tu*, ao dizer que se sente mais acolhida entre os falantes da região sul do país que, assim como ela, usam muito o “*tu*”.

Apesar de o Nordeste e o Sul serem áreas geográficas distantes, Maranhão e Santa Catarina se aproximam ao compartilharem o subsistema (4) *tu/VOCÊ* com concordância baixa (SCHERRE *et al.*, 2015, p. 154), tendo como representante o município

maranhense de Pinheiro (ALVES, 2010, 2015) e os municípios catarinenses de Concórdia (FRANCESCHINI, 2011) e Chapecó (LOREGIAN-PENKAL, 2004). Por outro lado, divergem, em termos comparativos Nordeste/Sul, quando identificamos apenas em Santa Catarina o subsistema (3) *tu*/VOCÊ com concordância alta, considerando os dados registrados em Ribeirão da Ilha, por exemplo (SCHERRE *et al.*, p. 153).

A respeito da região Sul, Loregian-Penkall (2004, p. 133; 167) situa Florianópolis e Ribeirão da Ilha como as localidades com maiores índices da marca de concordância com o *tu*, com pesos relativos de 0,85 e 0,91 respectivamente, confirmando a hipótese de que esse uso estaria associado à “etnia açoriana”, sobretudo em Ribeirão da Ilha, “uma localidade um tanto isolada e maciçamente açoriana” (LOREGIAN-PENKAL, 2005, p. 365). Estaria na sócio-história a explicação para a confluência parcial entre as duas regiões? Em Alves (2015), no capítulo intitulado “A comunidade de fala ludovicense”, encontramos uma explicação detalhada sobre o viés histórico-social da capital maranhense, bem como sobre os mitos e fatos que nos levam a melhor entender as questões linguísticas que circundam o mito de que São Luís é o exemplo do “bem falar”, imaginário esse que costuma ser associado ao uso de *tu com concordância* e, por muitos considerado, de influência francesa. Alves (2015, p. 21), no entanto, argumenta que há fundamento maior em afirmar que o “*tu* maranhense” tem raízes lusitanas, sobretudo se considerarmos a intensa migração açoriana no decorrer dos séculos XVII e XVIII. Resta saber por que razão o Maranhão se especializou como a terra do “*tu*”, mas, na realidade dos fatos, com menos concordância do que Florianópolis e Ribeirão da Ilha. É mesmo fundamental um mergulho no viés histórico-social para melhor entendermos a variação *tu/você* no PB falado.

Na Região Nordeste, São Luís (MA) apresenta um percentual de *tu sem concordância* acima de 60%, da ordem de 67% nas gravações livres, uma média alta se comparada às demais capitais nordestinas, como Piauí, Ceará, Paraíba e Pernambuco, para as quais se projetou a presença no subsistema *tu*/VOCÊ com concordância média, entre 10% e 39%, conforme Scherre *et al.* (2015, p. 145). Um ponto interessante a notar diz respeito a uma das amostras que compõe a média da capital cearense: a pesquisa de Soares, realizada na década de 80, com base em “questionário e gravações de conversas livres informais”. Os dados demonstram um sistema ternário das formas pronominais – *tu, você e senhor/senhora* –, tendo como fatores condicionadores dessa variação a situação do discurso, o papel social dos interlocutores, a idade e o grau de intimidade. O *tu* cearense, segundo Soares (1980, p. 84; 88), é de “uso generalizado e pode ocorrer no plano da intimidade ou nas mesmas condições em que o *você*”, já a concordância com o *tu* é variável e motivada por fatores como “grau de instrução, formalidade e atenção”. Ao que nos parece, a confluência entre São Luís e Fortaleza pode ser, em grande medida, explicada pelo tipo de coleta ou, até mesmo, pela época da coleta. Coletas de dados, com novas gravações, em especial mais livres, para outros estados de região Nordeste são desejáveis e necessárias para que se possa verificar a emergência, ou não, de mais usos do pronome *tu*. Registramos, como exemplo, a pesquisa de Guimarães (2014, p.132, 134, 157, 187) para Fortaleza, com registro de 51% de *tu* sem concordância e apenas 0,2 de

tu com concordância⁵. As pesquisas aqui citadas ratificam a dimensão interacional do *tu* brasileiro e deixam cada vez mais nítido que, a depender do tipo de coleta de dados, o pronome *tu* pode até não emergir ou emergir com baixa frequência, sem necessariamente refletir a amplitude dos usos reais. O fato é que coletas de todos os tipos são necessárias e bem-vindas para refletirem maximamente os diversos matizes interacionais.

Em suma, o (i) *tu* maranhense é corrente em toda a comunidade de fala e transita, na fala cotidiana, entre os extremos informais e formais, com o verbo na terceira pessoa do singular; (ii) o *tu com concordância* apresenta-se como um traço linguístico de diferenciação entre grupos, uma vez que é usual em contextos mais formais, sobretudo entre as mulheres escolarizadas; e (iii) o *você* caminha nessa mesma direção, com uso restrito a contextos de maior formalidade e, no momento, concorre com o *tu com concordância* ao posto de formas privilegiadas na comunidade ludovicense. Cumpre destacar que a forma *senhor/senhora*, na variedade maranhense, é de uso formal e categórico para denotar o respeito e o tratamento cerimonioso em relações marcadas por uma assimetria evidente, com forte correlação com o fator idade, fator profissão dos interlocutores, além de marcar a assimetria entre pais e filhos, mesmo em contextos de informalidade, diferentemente do que ocorre, por exemplo, na variedade brasiliense, que contra tudo e contra todos, pelo menos na previsão teórica, evidencia focalização dialetal da variante *tu* sem concordância de forma irreversível, até prova em contrário, como veremos a seguir.

BRASÍLIA, REGIÃO CENTRO-OESTE

Como anteriormente mencionado, a partir do mapeamento de Scherre *et al.* (2015, p.142), tem-se que a paisagem de variação pronominal no Brasil, especificamente sobre a segunda pessoa do singular, pode ser organizada em seis subsistemas (em função das variações de pronomes e da presença/ausência de concordância verbal). O que gostaríamos de enfatizar é que, à época do mapeamento realizado por Scherre *et al.* (2015), especialmente no Centro-Oeste, apenas em Brasília havia a inserção do pronome *tu*. Vale lembrar que esta região conta com três estados, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, e o Distrito Federal e, exceto nesse último, a projeção para os demais estados era de dominância do macro VOCÊ (*você/ocê/cê*) (SCHERRE *et al.*, 2009; SCHERRE *et al.*, 2015, p. 143).

BRASÍLIA

Inaugurada em 1960, na região Centro-Oeste do Brasil, Brasília vivencia atualmente a segunda década da inserção do pronome *tu* na comunidade de fala, onde ocorre a variação entre as formas *você/cê/tu sem concordância*. Desde a publicação da dissertação seminal de Lucca (2005), temos o registro do uso do pronome *tu* por brasilienses, configurando-se um traço inesperado da fase de focalização dialetal (ANDRADE, 2015, p. 32), uma vez que essa região, como já dissemos, havia sido prototipicamente usuária do macro VOCÊ. Podemos inferir que, se o registro da inserção ocorreu em 2005, significa que o

tu “gravitava” neste dialeto antes deste período. Em décadas anteriores, três pesquisas com registros da fala brasiliense, Hanna (1986), Corrêa (1998) e Andrade, (2004), não permitiam antever este uso. Apesar da falta de registros de usos do pronome *tu* em terras brasilienses, e talvez justamente por isso, podemos inferir que nesta época o *tu* ainda não ocorria nesta paisagem linguística e, mesmo quando passou a ocorrer, era um uso estranhado, tido como a expressão de um falar externo (ANDRADE, 2010, p. 11), afinal, em Brasília, desde sua criação até os dias atuais, ocorre uma intensa imigração. Como sabemos, com a criação ou intensa expansão de novas cidades, em função do contato por migração e de outras questões sociodialetais, eleva-se a possibilidade de ocorrer variação linguística (KERSWILL; TRUDGILL, 2005, p. 196-206), e isto é o que ocorre com os pronomes de segunda pessoa do singular em Brasília. A partir do mapa projetado por Nascentes, em 1922, reproduzido a seguir na Figura 1, as características dialetais do Brasil Central seriam, se se mantivessem intactas: sulistas, baianas e incaracterísticas, conforme podemos conferir a seguir



Fonte: Nascentes (1953, p. 18).

Figura 1. Mapa dialetal projetado em 1922 por Antenor Nascentes.

Na seção seguinte, a sócio-história da região Centro-Oeste nos traz mais evidências da heterogeneidade linguística dessa área do território brasileiro, ratificando que a proposta de divisão dialetal já não pode ser considerada homogênea e tampouco definitiva mesmo apresentando-se um “tanto próxima da verdade”, como bem frisou Nascentes (1953, p. 24).

BREVE SÓCIO-HISTÓRIA DA REGIÃO CENTRO-OESTE

Sabemos que a vida não é estática, muita coisa mudou de Nascentes para os dias atuais. Apesar da intensidade ter sido bastante marcante em Brasília, não ocorreu migração somente para esta cidade do Brasil Central. Antes disso, a região já havia sido povoada por pessoas não indígenas. Desde o período da exploração do ouro, no século XVII, houve levadas de migração para esta grande região, principalmente para Minas Gerais, porém, outros estados do Centro-Oeste também foram povoados com os mesmos propósitos.

Findo o período do ciclo do ouro, que durou do século XVII ao XVIII, os habitantes continuaram nesses rincões do Brasil vivendo em torno da agricultura e da pecuária. Outra leva de imigração ocorreu para o Centro-Oeste quando aconteceu a conhecida “Marcha para o oeste” (PHILIPPSEN, 2013, p. 58), a partir da década de 1930, com a expansão de políticas socioeconômicas a fim de fomentar o crescimento do país também em seu interior, e assim “desenvolvê-lo”⁶, o que vem resultando na constante criação e ampliação de cidades e, com elas, levadas e levadas migratórias.

Depreende-se da história aqui resumida que os habitantes que estão na região central do país, onde Brasília foi estabelecida em 1960, em sua maioria, são filhos de brasileiros migrantes que buscaram nestas terras novas oportunidades de vida, tipo de migração mais comum não só no Brasil, mas ao redor do globo. Se estes brasileiros chegaram ao centro do país mais tardiamente que os brasileiros que se estabeleceram em suas bordas, então, podemos projetar que os dialetos de português brasileiro que vigoram hoje no Centro-Oeste, e por conseguinte na grande Brasília, são, de certa maneira, mais novos se comparados com as localidades mais à leste, ao norte e nordeste do país. Tal projeção inclusive vai ao encontro do recorte “incharacterístico” apontado por Nascentes, se considerado, em especial, o período de *mixing* (coexistência de diversas formas dos grupos em contato), que precede o período de *levelling* (seleção de formas) e *focalization* (estabilização de formas), descritos na literatura linguística sobre formação dialetal, nos termos de Kerswill e Trudgill (2005, p. 197-125).

VISLUMBRES DE PAISAGENS LINGUÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS PRÓXIMAS À BRASÍLIA

Passemos dessa preliminar incursão no passado aos períodos atuais. Em dezembro de 2020, em visita à Goiânia, uma das coautoras deste texto participou de uma conversa em que uma falante goiana se referiu a ela por *tu* em uma sequência de quatro repetições do pronome, ao dar instruções sobre como chegar a determinado local. Nesta cidade, até onde sabíamos, apenas as variantes do macro VOCÊ ocorriam. Porém, a percepção atual entre colegas que vivem em Goiânia é de que “ali não ocorre o pronome *tu*”⁷.

Em depoimento realizado no dia 17/06/2021, a pesquisadora e professora Tânia Ferreira Rezende dos Santos⁸, sociolinguista da Universidade Federal de Goiás, nos relatou sobre sua privilegiada percepção a respeito da variação de pronomes no Estado, a de que o pronome *tu* sem concordância está entrando em outras terras goianas além de Brasília. Em suma, a pesquisadora relatou que há a presença do pronome *tu* em Goiás, na cidade de Goiânia, especialmente por conta da crescente imigração da última década (de 2010 para frente)⁹. Porém, o goiano, nascido e criado em Goiás, por ora, ainda não expressa o *tu* de maneira nativa, mas pode chegar a usar o *tu* como recurso adquirido do contato, a fim de expressar interação associada à proximidade/intimidade. Tal depoimento configura-se como uma prévia do que saberemos sobre os pronomes no Estado, em registros futuros. Por ora, é seguro dizer que projetamos ainda o macro VOCÊ para a localidade, por outro lado não podemos mais afirmar que o *tu* não esteja presente ali de alguma forma.

Até onde sabemos também, as variantes do macro VOCÊ (SCHERRE *et al.*, 2015, p. 170) são as únicas formas pronominais de segunda pessoa que ocorrem nas variedades dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Vale deixar registrado que, com as intensas migrações para esses estados, a exemplo do que acabamos de registrar para o Goiás, as cidades ali localizadas devem passar por efervescentes variações linguísticas também em função do contato. De fato, novas pesquisas nesses estados com novas coletas de dados se fazem urgentes, tanto em centros urbanos como em áreas rurais, a exemplo das pesquisas sociolinguísticas e dialetológicas, para que possamos redesenhar a presente variação no Centro-Oeste de forma atualizada.

A VARIAÇÃO *Você/Cê/Ocê/Tu* sem concordância EM BRASÍLIA

Mais especificamente para Brasília, registramos a variação *você/cê/ocê/tu* sem concordância sob o olhar de quatro pesquisadoras: Andrade (2004); Lucca (2005); Dias, (2007) e Andrade (2010, 2015). Andrade (2004), com dados coletados em 1991, registra a distribuição pronominal apresentada na Tabela 3.

Tabela 3. Variação dos pronomes de segunda pessoa na grande Brasília analisada por Andrade (2004): entrevistas sociolinguísticas de Sobradinho (RA V)¹⁰ – falantes de 10-14 anos, da área urbana e da área rural, oito do sexo masculino e sete do feminino.

Você	Ocê	Cê
71/124 = 57%	9/124 = 7%	44/124 = 36%

Fonte: Elaboração própria, com base em Andrade (2004, p. 44 e 71).

A variação analisada por Andrade (2004) apresenta 7% da forma *ocê* e não registra a forma *tu*, com dados de crianças entre 10 e 14 anos, gravados na cidade de Sobradinho (RA V), no ano de 1991. A partir da pesquisa de Andrade (2004), inferimos que, na década de 90, o pronome *tu* realmente não fazia parte do repertório pronominal da fala brasiliense.

Além disso, o *você* se destacou como o mais utilizado (57%). Porém, o tipo de coleta é de entrevista sociolinguística laboviana, fato que potencialmente diminui a espontaneidade, já observada nas considerações sobre o paradoxo do observador (LABOV, 2008 [1972], p. 83, 90 e 244).

Com dados coletados em 2004-2005, cerca de 13 anos depois, Lucca (2005) registra a distribuição apresentada na Tabela 4.

Tabela 4. Variação dos pronomes na grande Brasília analisada por Lucca (2005): falas livres ocultas gravadas em 2004-2005 no Plano Piloto (RA I), Taguatinga (RA III) e Ceilândia (RA IX) – falantes de 15-19 anos predominantemente do sexo masculino.

Você	Cê	Tu sem concordância
77/453 = 17%	50/453 = 11%	327/453 = 72%

Fonte: Elaboração própria, com base em Lucca (2005, p. 98).

Há que se observar nos resultados de Lucca (2005, p. 67-69) que a coleta de dados se deu na faixa etária e no tipo de interação prototípica do uso da forma *tu* em Brasília: o tipo de coleta seguiu o formato de gravações ocultas, justamente numa tentativa de evitar os efeitos indesejados, descritos no paradoxo do observador¹¹. Em suma, sua pesquisa majoritariamente coleta dados na faixa etária de adolescentes, entre 15 e 19 anos, do sexo masculino, moradores do Brasília-Plano Piloto - RA I (68% de *tu*), de Taguatinga - RA III (66% de *tu*) e de Ceilândia - RA IX (88% de *tu*), o que buscava refletir, de certa maneira, uma diferença entre classes sociais, potencialmente entre as classes B e C (média e média baixa)¹². Uma das grandes contribuições da pesquisa seminal de Lucca (2005) foi o registro da entrada do pronome *tu* em Brasília, na primeira década do século XXI. E que tal entrada estava relacionada ao gênero masculino, à faixa etária adolescente, entre 15-19 anos e, possivelmente, à classe social média.

Dias (2007), com dados coletados entre 2005 e 2007, registra a distribuição das formas pronominais de segunda pessoa reorganizada na Tabela 5, a seguir:

Tabela 5. Variação dos pronomes em Brasília analisada por Dias (2007): falas espontâneas gravadas em 2006-2007 no Plano Piloto ampliado (RAs, VI e VIII) – falantes de 13-49 anos de sexo masculino e feminino.

Você	Cê	Tu sem concordância
286/956 = 30%	555/956 = 58%	115/956 = 12%

Fonte: Elaboração própria, com base em Dias (2007, p. 61).

A partir dos resultados obtidos por Dias (2007), confirmamos em Brasília a presença do *tu* sem concordância, mas não de maneira tão vigorosa como a registrada por Lucca (2005). E, de novo, o tipo de coleta tem correlação com os resultados alcançados. Dias (2007) coletou sua amostra realizando gravações espontâneas, não ocultas, entre três faixas etárias distintas, a saber: 13 a 19 anos, 20 a 29 anos e acima de 30 anos; somente

no Plano Piloto (bairro de classe média), e de forma equilibrada entre os gêneros (sexo masculino vs feminino), o que resultou na comprovação da forte influência dos fatores: gênero masculino, faixa etária mais jovem, estilo alternativo e, indubitavelmente, o tipo de coleta, uma vez que a interação da gravação, embora espontânea, era de conhecimento dos atores discursivos (DIAS, 2007, p. 64-91).

Andrade (2015, p. 99), com dados coletados nos anos de 2008, 2009, 2012, 2014 e 2015, registra a distribuição pronominal, que pode ser observada na Tabela 6.

Tabela 6. Variação dos pronomes em Brasília analisada por Andrade (2010, 2015): entrevistas sociolinguísticas motivadas em 2008-2009 no Plano Piloto ampliado (RAs I e VI) e 2012-2015 no Plano Piloto, Sobradinho e Brazlândia (RAs I, V e III) - falantes de 7-15 anos do sexo masculino e feminino.

Você	Cê	Tu
591/1319 = 45%	317/1319 = 24%	411/1319 = 31%

Fonte: Andrade (2015, p. 99).

Os resultados compilados por Andrade (2015) resultam de diferentes amostras, realizadas nos anos 2008, 2009, 2012, 2014 e 2015. Tais amostras são extremamente heterogêneas, tendo em vista que incluem gravações espontâneas, mas também interações “quase” casuais (ANDRADE, 2015; p. 44), entre a pesquisadora e alunos de escolas públicas do Distrito Federal. As faixas etárias eram de crianças e adolescentes, meninos e meninas, entre 7 e 15 anos. A partir das pesquisas de Andrade (2010, 2015), atestamos que a entrada do *tu* configura-se como um traço morfossintático do novo dialeto agora focalizado, em outras palavras, da paisagem linguística brasiliense. Verificamos que a maior ou menor frequência de *tu* no dialeto brasiliense ocorre em função da origem dos pais dos falantes (influência da família), classe social e, embora o sexo masculino ainda prevaleça como favorecedor do uso de *tu*, há uma significativa diminuição das diferenças de ocorrência entre os falantes do sexo masculino e feminino, possivelmente indicando que em breve não haverá mais liderança de uso deste pronome em função das diferenças interacionais associadas ao gênero do falante, por causa do constructo do prestígio encoberto, que subjaz à interpretação de diferenças de coesão social entre grupos localizados (LABOV *et al.*, 1968; TRUDGILL, 1972).

A partir das pesquisas aqui relatadas, verificamos que Brasília ainda é uma ilha da ocorrência de *tu* no Centro-Oeste. Porém, como discutido anteriormente, alguns fatos indicam que isto pode estar se alterando. Nossas observações e resultados de pesquisas nos permitem dizer que a escolha intuitiva entre as variantes *você/cê/tu* sem concordância é um traço interacional, influenciada pelos seguintes fatores até agora observáveis: tipo de relação entre interlocutores, tema do discurso e estilo, além de fatores sociolinguísticos clássicos. A seguir, apresentamos algumas reflexões a respeito do significado social da presente variação pertencente à paisagem linguística da cidade, sintetizadas no Quadro 1.

Quadro 1. Nuances de significado dos pronomes de segunda pessoa em Brasília.

Aspectos interacionais	Você	Cê	Tu
Estilo	Formal e informal	Formal e informal	Informal
Relação entre interlocutores	Simétricas (pares) e assimétricas (não pares)	Simétricas (pares) e assimétricas (não pares)	Simétricas (pares)
Contextos discursivos	Trabalhos/ Estudos/ Entrevistas/Consultas/ Documentos/Conversas informais	Trabalhos, estudos, consultas, conversas informais.	Típico de conversas informais
Modalidade de língua	Escrita e oral	Oral (escrita dialógica como WhatsApp)	Oral (escrita dialógica como WhatsApp)

Fonte: Elaboração própria.

Retomamos Scherre *et al.* (2015) ao reafirmamos que o *você* tende a ser a forma suprarregional e menos marcada, mas, a depender da localização geográfica brasileira, essa forma ganha diferentes contornos ou diferentes matizes (cf. SCHERRE *et al.*, 2015, p. 162-169). Em Brasília, de fato, esta forma é a menos marcada, nativa, ocorrendo sempre em todos os tipos de interação/relação entre interlocutores e em todas as faixas etárias, com um importante “porém”: como não tem significado honorífico, cerimonioso ou respeitoso, a forma *você* ocorre também entre pares. Isso é um “porém” porque, em Brasília, não verificamos, claramente, uma forma pronominal que expresse *respeito*, *distanciamento social*, ou *diferença etária* que tenha licença para ocorrer cotidianamente, como no caso de *a senhora* ou *o senhor*, o que deixa as relações assimétricas, de certa maneira, descobertas por pronomes que revelem reverência/polidez. Em outras palavras, parece faltar o “V”, dos pares T/V de Brown e Gilman (1960). E, nesta falta, há a possibilidade de alçar a forma *você* a esse “V”, porém, o falante médio hesita se este seria adequado como forma possível de “V”. Como ponderam Scherre *et al.* (2015, p. 136), em Brasília, a forma “*o senhor*”, que naturalmente poderia alçar a esse “V”, é abertamente rejeitada por parte expressiva da população, pois está associada à uma identificação com a velhice, especialmente pelas mulheres¹³ e não ocorre em relações familiares, até onde vai nosso conhecimento. Há uma forma alternativa, não pronominal, que, de certa forma, preenche, ou pelo menos preenchia algumas interações discursivas, que é uso de *tio* ou *tia* antes do nome próprio ou de forma isolada, parte do vocativo ou como o próprio vocativo, na fala de jovens ao falar com as mães ou pais de seus amigos, como uma esquiava do uso de *senhor/senhora*. Os pais e mães, até onde vai nosso conhecimento da fala brasiliense, tendem a ser chamados por *você*¹⁴.

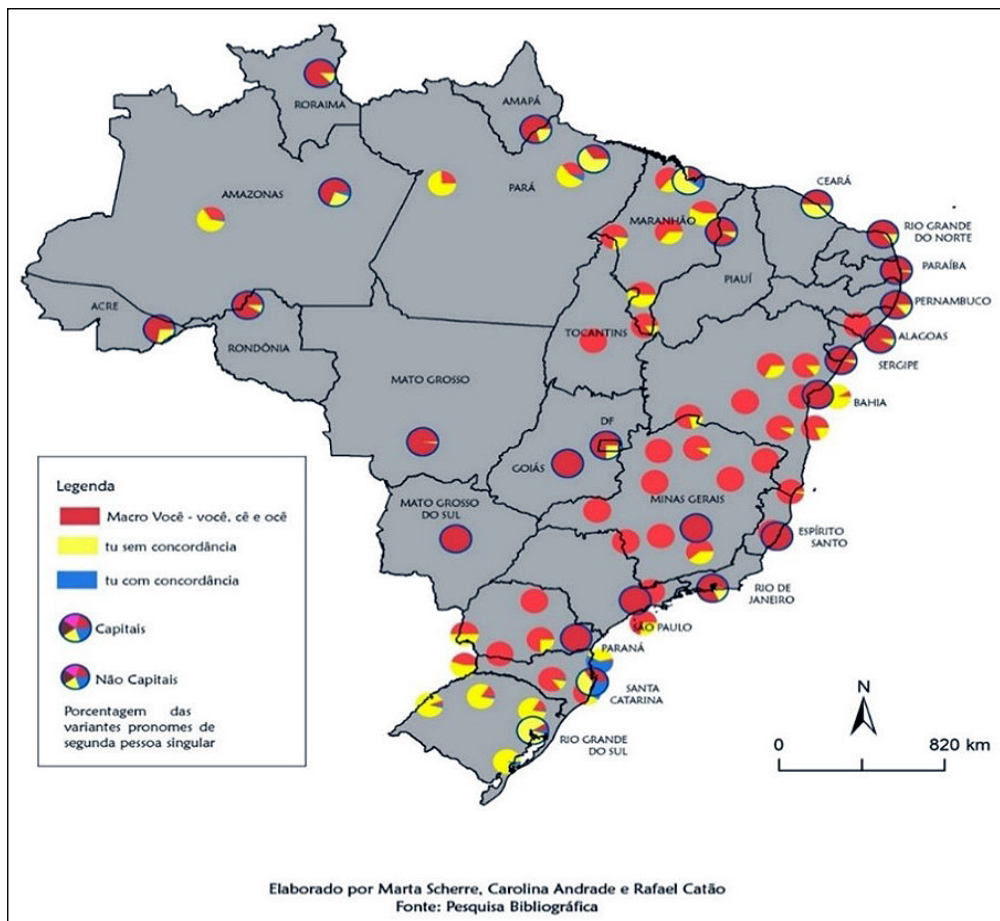
Aí é que entra uma das possibilidades para ocorrer a forma *cê*. Segundo Andrade (2010, p. 123), o *cê* se destacaria nessas interações assimétricas como uma forma associada à esquerda. Em outras palavras, seria um recurso de que o falante lança mão para evitar as formas *o senhor*, pela rejeição anteriormente relatada, e *você*, por esta forma ser, a um

só tempo, associada a relações de simetria e foneticamente mais perceptível/audível ao interlocutor de que a sua forma reduzida *cê*. Esta última, apesar de também ser simétrica, é bem menos perceptível/audível, chamando menos a atenção para o pronome utilizado.

Em Brasília, o *tu* – sistematicamente sem concordância – é, por sua vez, um pronome que exprime jovialidade, proximidade, simetria, e descolamento do *status quo*, ou seja, é um recurso do estilo alternativo (DIAS, 2007, p. 5). Tanto é assim que é um pronome de difícil captação em entrevistas sociolinguísticas tradicionais, como dissemos anteriormente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomamos o texto de Scherre *et al.* (2015) para reafirmar que a variação dos pronomes de segunda pessoa do singular no Brasil, entre as formas: *você/ocê/cê* (MACRO VOCÊ) e *tu com concordância* e *tu sem concordância*; oferece ao analista um repertório para o entendimento da paisagem linguística que ocorre no país, vejamos o seguinte mapa:



Fonte: Scherre, Andrade e Catão (2020, p. 273).

Figura 2. Síntese dos pronomes de segunda pessoa no português brasileiro com base em pesquisas de 1996 a 2019: macro VOCÊ (em vermelho), *tu sem concordância* (em amarelo) e *tu com concordância* (em azul).

No caso do *tu sem concordância*, convém reforçar que o consideramos como uma variante diferente de *tu com concordância*. Essa diferença se baseia na observação do sistema pronominal amplamente ternário, de São Luís (ALVES, 2015), em que de um lado temos um *tu sem concordância*, forma mais usual e vernacular, transitando por contextos variados e do outro um *tu com concordância*, alternando com *você*, em contextos assimétricos e de maior formalidade.

A partir do que postularam Brown & Gilman (2003 [1960]) para os pronomes polarizados T/V, as variações pronominais que ora observamos apresentam diversos matizes de sentido, influenciadas não apenas pelos tipos de interações e/ou estilos que exprimem, mas também intimamente atrelados às comunidades de fala na qual se inserem, ou seja, seus significados sociais são sempre **localizados**, como pudemos observar no presente cotejo e no mapa da Figura 2.

Temos buscado trabalhar com a hipótese, que ainda precisa ser ou não refutada, de que o *tu sem concordância* pode estar emergindo também como pronome suprarregional, ao lado de *você*, se especializando no antigo significado de intimidade/proximidade, ou seja, no “T” dos pólos T/V, e se (re)espraiando pelo país, uma vez que o *tu com concordância* assume outro significado social: marcadamente formal em comunidades geograficamente distanciadas, como, por exemplo, no Rio Grande do Sul e no Maranhão¹⁵. Outrossim, o pronome suprarregional *você*, ampla e explicitamente usado na mídia falada brasileira, já apresenta há tempos um significado não marcado, em lugar, muitas vezes, das formas respeitosa e/ou de distanciamento “*senhor/senhora*” (ANDRADE, 2015, p. 55; SCHERRE *et al.*, 2015, p. 136).

Assim, o *você* na maior parte do Brasil tende a assumir uma forma relativamente não marcada, como muitos pesquisadores já ponderaram. Porém onde ele não é o pronome mais nativo, como no Rio Grande do Sul ou em Tefé, por exemplo, que são lugares onde o *tu* assume traço dialetal local, o *você* costuma funcionar como um pronome de contato (ALVES, 2015; LOREGIAN-PENKAL, 2004; MARTINS, 2010), e chega a ser estranho à comunidade. O *cê* funciona como uma variante frequente em locais em que o *você* é vigoroso, e tende a ocorrer em menor frequência em locais onde o *tu* é mais vigoroso. A depender do local, pode assumir traços interacionais de intimidade ou ainda de esquiva (ANDRADE, 2010). Não encontramos registros de locais onde só ocorra o *você* sem, pelo menos, a forma *cê* como uma de suas variantes. Já em áreas onde o *ocê* ocorre, como em áreas rurais de Minas Gerais, o *você* pode assumir um traço de poder, e tende a chegar ao vernáculo via escolarização (COELHO, 2010; GONÇALVES, 2008).

De fato, o *você* transita no Brasil inteiro, em relações simétricas e assimétricas, em interações formais ou informais, embora sua recorrência seja bastante variável e, também como pudemos demonstrar, está sujeito a variações de significado interacional. As formas variantes *cê* e *ocê*, assumem, de certa maneira, algumas nuances diferentes do *você*, como por exemplo, o *cê* associa-se mais tipicamente às variantes de áreas urbanas enquanto o *ocê* associa-se mais tipicamente às variantes de áreas rurais (esse último assume inclusive traço identitário e o mais estranho no ninho rural pode ser o *você*) dependendo da presença

ou não de *tu* (COELHO, 2010, GONÇALVES, 2008, entre outros). O que queremos dizer é que, apesar de *ocê* e *cê* serem consideradas variantes mais gramaticalizadas do *você*, elas assumem matizes de significados que as diferenciam sensivelmente de sua forma plena.

Por fim, vale lançar a reflexão que Paredes Silva (2003) desenvolve sobre o retorno do pronome *tu* à fala carioca na primeira década de 2000. O fato de o Rio de Janeiro ser uma variedade com visibilidade por ser um polo cultural em nível nacional pode ter ajudado a espriar o *tu* via TV e outras mídias, com base no modelo gravitacional (MEYERHOFF, 2006, p. 259), pois este pronome aparece pelo menos há mais de uma década em novelas brasileiras como marcadores de classes sociais¹⁶ e estilos alternativos (DIAS, 2007, p. 78-81). Nossa hipótese é de que atualmente tem se espriado para outras classes e gêneros, associando-se a um estilo jovem, descolado e próximo/íntimo de fala. Hoje, o pronome *tu*, com tais traços, pode ser escutado em letras de músicas, MPB e sertanejas, executadas por artistas oriundos de locais em que ocorre a predominância de *você*. Assim, este pronome não retornou apenas para a fala carioca, mas está ganhando mais e mais espaços no país. Futuras pesquisas serão feitas, ampliando o conhecimento do *tu sem concordância* verbal explícita, que se expande na paisagem linguística brasileira.

NOTAS

4 Para este artigo, procedemos à recontagem dos dados de segunda pessoa, apenas, extraídos da tabela 2 - Presença/Ausência dos pronomes pessoais na posição de sujeito, de Ramos (1996, p. 12-16).

5 Remetemos o leitor ao texto de Scherre, Andrade e Catão (2021) para o redesenho do mapa dos pronomes de segunda pessoa no português brasileiro retratando cinco construções (***você, cê, ocê, tu sem concordância, tu com concordância***), a partir, em especial, das reflexões de Alves (2015), com foco em novas pesquisas da região Nordeste tabuladas até 2020. Scherre, Andrade e Catão (2020) apresentam a remodelação do mapa retratando três construções (**Macro *VOCÊ, tu sem concordância, tu com concordância***) com pesquisas tabuladas até 2019.

6 Sob o argumento do desenvolvimento, tivemos a invasão do Brasil por povos europeus e outras tantas políticas que visam muito mais o lucro que qualquer outro “valor”. Muitos são os historiadores que se debruçam para contar histórias não hegemônicas sobre as regiões brasileiras. Neste estudo, partiremos apenas da história hegemônica para desenvolver análises linguísticas.

7 Agradecemos a gentil colaboração do professor Giuliano Castro/UFG, ao viabilizar percepções informais goianas a respeito da variação dos pronomes.

8 Agradecemos imensamente a Tânia Rezende pelo gentil depoimento, em que a pesquisadora desenhou um belo retrato de uma variação que está nascendo no Goiás, informando muito mais do que aqui foi registrado. Vale dizer que Rezende já iniciou coleta/pesquisas a respeito deste fenômeno.

9 Há uma migração expressiva do Norte para o Estado de Goiás, mas também de diversas outras regiões do país, pelas razões prototípicas de migração, mas também por conta das vagas oferecidas pelo ENEM para as universidades Brasil afora.

10 RA é a sigla para Região Administrativa. Região administrativa é a denominação oficial para as cidades que compõem o Distrito Federal. Atualmente são 33 RAs.

11 Lucca realizou sua coleta sob a inspiração dos resultados de Paredes Silva (2003,) apresentados no texto seminal “o retorno do pronome tu à fala carioca”.

12 Tais extratos de classes sociais são de difícil classificação em Brasília, de forma que esses apontamentos demandam pesquisas específicas para que sejam comprovados ou refutados (cf. ANDRADE, 2015, p. 45, para mais detalhes).

13 A terceira autora desse texto vivenciou uma interação verbal inusitada. Ela tinha cerca de 55 anos. Ao se dirigir a uma senhora de uns 75 anos, pela primeira vez, em ambiente familiar, usou o tratamento *senhora*. E meio sem graça, ouviu da senhora algo assim, de dedo em riste: “Olha, eu decretei sumiço da palavra *senhora* nesta casa. Então, me chame de *você*”.

14 Foi a partir dessas observações e da percepção do uso do *tu* entre adolescentes do sexo masculino, em especial entre o filho da terceira autora desse texto e seus colegas, que a pesquisa sobre *tu* na grande Brasília se iniciou por volta de 2004 com a orientação de Lucca (2005), orientanda de Iniciação Científica de Jânia Ramos (UFMG), com excelentes frutos aos dias de hoje.

15 Com exceção de alguns locais na região de Florianópolis, onde é possível fazer o movimento rumo à concordância associado a uma maior intimidade, segundo observação participante da autora.

16 Por exemplo, a novela *Avenida Brasil*. A novela era ambientada no Rio, apresentava personagens da classe média/alta como falantes prototípicos da variante *você*; já os personagens dos subúrbios/favelas usavam o *tu* de forma recorrente.

REFERÊNCIAS

ALVES, C. C. B. **O uso do tu e do você no português falado no Maranhão**. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

ALVES, C. C. B. **Pronomes de segunda pessoa no espaço maranhense**. 2015. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

ANDRADE, A. L. V. S. de. **A variação você, cê e ocê no português brasileiro falado**. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

ANDRADE, C. Q. **Tu e mais quantos?** A segunda pessoa na fala brasiliense. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

ANDRADE, C. Q. **A fala brasiliense: origem e expansão do uso do pronome tu**. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (ed.). **Sociolinguistics – The Essential Readings**. Malden: Blackwell, 2003 [1960]. p. 156-176.

- CALDAS, J. A.; ALVES, C. C. B. **A variação tu e você: o tratamento dado ao interlocutor no Estado do Maranhão com base nos dados do Projeto ALiMA.** São Luís: PIBIC/UFMA, 2017. 40p. Relatório de pesquisa.
- COELHO, M. do S. V. **Os Gurutubanos: língua, história e cultura.** Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- CORRÊA, C. da C. **Focalização dialetal em Brasília: um estudo das vogais pretônicas e do /s/ pós-vocálico.** 1998. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 1998.
- DIAS, E. P. **O uso do tu no português brasileiro falado.** 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- FRANCESCHINI, L. T. **Variação pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia – SC.** Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.
- GONÇALVES, C. R. **Uma abordagem sociolinguística dos usos das formas você, ocê e cê no português.** Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- GUIMARÃES, T. de A. A. S. **Tu é doido, macho!** A variação das formas de tratamento no falar de Fortaleza. 2014. 237 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.
- HANNA, E. S. **Difusão e focalização dialetal: o caso de Brasília.** 1986. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 1986.
- HERÊNIO, K. K. P. **Tu e você em uma perspectiva intra-linguística.** 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.
- KERSWILL, P.; TRUDGILL, P. The birth of new dialects. In: AUER, P. L.; KERSWILL, P.; HINSKENS, F. (ed.). **Dialect Change: Convergence and Divergence in European Languages**, 2005. cap.7, p.196-220. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/265012509_7_The_birth_of_new_dialects>. Acesso em: 11 de junho de 2021.
- LABOV, W. **The social stratification of English in New York City.** New York: Cambridge University Press, 2006 [1966].
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LABOV, W.; COHEN, P.; ROBINS, C.; LEWIS, J. A Study of the Non-Standard English of Negro and Puerto Rican Speakers in New York City. In: LABOV, W.; COHEN, P.; ROBINS, C.; LEWIS, J. **Cooperative Research Report 3288 - The use of language in the speech Community.** New York City: Columbia University, 1968. v. II, p. 218-220.
- LOREGIAN, L. **Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil.** 1996. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras/Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

- LOREGIAN-PENKAL, L. **Re(análise) da referência de segunda pessoa na fala da Região Sul**. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras/Linguística, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.
- LOREGIAN-PENKAL, L. A alternância tu/você em Santa Catarina: uma abordagem variacionista. **Revista de Estudos Linguísticos XXXIV**, Campinas, UNICAMP, v. I, p. 362-367, 2005.1 CD-ROM.
- LUCCA, N. N. G. **A variação tu/você na fala brasiliense**. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.
- MARTINS, G. F. **A alternância tu/você/senhor no município de Tefé- Estado do Amazonas**. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- MEYERHOFF, M. **Introducing Sociolinguistics**. London/New York: Routledge, 2006.
- NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953 [1922].
- PAREDES SILVA, V. L. O retorno do pronome tu à fala carioca. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (org.). **Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: FAPERJ/ 7Letras, 2003, p. 160-169.
- PHILIPPSEN, N. I. **A constituição do léxico norte mato-grossense na perspectiva geolingüística: abordagens sócio-semântico-lexicais**. 2013. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- RAMOS, C. de M. de A. **O português falado em São Luís: os pronomes pessoais na posição de sujeito**, 1996. Inédito.
- RAMOS, C. de M. de A. **O clítico de 3ª pessoa: um estudo comparativo português brasileiro/espanhol peninsular**. Maceió, 1999. 109 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós- Graduação em Letras, Universidade Federal de Alagoas, 1999.
- RAMOS, C. de M. de A.; ALVES, C. C. B. Tu, você, cê na variedade do sertão maranhense. In: NUNES, Cícero Barboza; SILVA, Cláudia Roberta Tavares. (org.). **A língua em foco no nordeste brasileiro: d’além das capitais**. 1.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021, p. 69-92.
- REIS, Z. M. dos. **A variação de ‘tu’ e ‘você’ no português falado e escrito em Lontra-MG**. 2019. Dissertação (Mestrado profissional em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras – Linguagens e Letramentos – Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2019.
- ROBSON, C. M. F.; RAMOS, C. de M. de A. **Os sujeitos pronominais (nulos ou plenos) no português falado no Maranhão: o que vem revelando o Projeto ALiMA**. São Luís: PIBIC/UFMA, 2014. 49p. Relatório de pesquisa.
- SCHERRE, M. M. P.; ANDRADE, C. Q.; CATÃO, R. de C. Redesenhando o mapa dos pronomes tu/você/cê/ocê no português brasileiro falado. In: WITCHES, P. H.; VIEIRA-MACHADO, L. M. da C.; FURLAN, C. K. J.; NOGUEIRA, M. de O. (org.). **Conquistas e desafios dos estudos linguísticos na contemporaneidade**. Porto Alegre: Fi.org, 2020.

p. 270-276. Disponível em: <<https://www.editorafi.org/28vconel>>. Acesso em: 09 de setembro de 2022.

SCHERRE, M. M. P.; ANDRADE, C. Q.; CATÃO, R. de C. Por onde transitam o tu e o você no Nordeste? **Revista de Letras**, v. 40, n. 1, p.164-197, jan./jun. 2021. Disponível em: <<http://periodicos.ufc.br/revletras/issue/view/1059>>. Acesso em: 09 de setembro de 2022.

SCHERRE, M. M. P.; LUCCA, N. N. G.; DIAS, E. P.; ANDRADE, C. Q.; MARTINS, G. F. Usos dos pronomes “você” e “tu” no português brasileiro. **II SIMELP – Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa**. Portugal, Universidade de Évora, outubro de 2009.

SCHERRE, M.; DIAS, E. P.; ANDRADE, C.; MARTINS, G. F. Variação dos pronomes “tu” e “você”. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (org.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p.133-172.

SILVA, E. A.; ALVES, C. C. B. **Mapeando o tratamento dado ao interlocutor no Estado do Maranhão**. São Luís: PIBIC/UFMA, 2018. 26p. Relatório de pesquisa.

SILVA, S. C. **A variação dos pronomes tu e você na fala mineira de Ressaquinha (MG)**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem, Universidade Federal Ouro preto, Mariana, 2017.

SOARES, M. E. **As formas de tratamento nas interações comunicativas – uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza**. 1980. 157 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1980.

TRUDGILL, P. Sex, covert prestige and linguistic change in the urban British English of Norwich. **Language in Society**, Cambridge University Press, v. 1, p. 179-195, 1972.